

ESTUDOS FILOLÓGICOS E LITERÁRIOS SOBRE A OBRA DO ACADÊMICO ANTONIO GONÇALVES PEREIRA.

Gisele Paula Barbosa,
Carlos Eduardo Mendes de Moraes – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Antônio Gonçalves Pereira, que do pai herdou o mesmo nome, nasceu em Pereira, Portugal. Na Universidade de Coimbra, formou-se em Cânones, em 1721. Doutor Teólogo destacou-se por suas várias atividades e atuações, a saber: Doutor em teologia, Desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia, Mestre-escola de sua Sé Primaz, Comissário Apostólico da Bula da Santa Cruzada em todo arcebispado, Examinador de confessores, pregadores e ordinários, Comissário das Dispensações, Juiz Conservador dos Monges de São Bento, seis vezes Visitador Geral do Estado da Bahia e Recôncavo. Dotado de ciência e autoridade, foi um dos mestres mais competentes e de respeitáveis virtudes que também como pré-requisito vieram a lhe dar o título científico de Examinador de filósofos nos Estudos Gerais da Companhia de Jesus.

Foi um dos membros da Academia Brasília dos Acadêmicos Esquecidos (ABE), onde aos 23 de Abril de 1724, participou da primeira conferência, homenageando com um *encomium* e um soneto, o vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses. Nesta mesma academia fez parte da quinta conferência lendo a oração introdutória na função de presidente dela e neste mesmo dia de Junho de 1724 foi homenageado por outros dez acadêmicos com epigramas, sonetos, décimas jocosas e sérias. Já na Academia Brasília dos Acadêmicos Renascidos (ABR), foi um dos trinta e nove convidados para a primeira reunião realizada na casa de José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo (o fundador), aos 19 de Maio de 1759.

A orientação formal que regia a produção da ABE veio da expressão escrita das artes retóricas antigas, de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, ao lado das poéticas do próprio Aristóteles de Horácio, todas obras estudadas, interpretadas e apropriadas pelos intelectuais do século XVIII, segundo um ponto de vista católico conservador, que vigorava na Península Ibérica, a partir dos modelos de comportamento e de escrita que tinha como mestres mais atuais Camões, Quevedo, Gracián, Tesauro, Vieira e, até em situações definidas pelos próprios Esquecidos como jocosas, Gregório de Matos.

Este campo de conhecimento é responsável pela própria estrutura segundo a qual se desenvolveram as conferências da ABE, em que blocos temáticos foram claramente marcados na forma de “assuntos”, desenvolvidos, embora sem uma determinação expressa, segundo regras bem marcadas de obediência formal, decoro e adequação entre gênero, assunto e tema. Seguindo a poética encontram-se os “assuntos” propostos a cada conferência. Esta parte da matéria dos Esquecidos foi toda produzida em versos, com auxílio dos quais, cada acadêmico dedicou-se, com maior ou menos regularidade, a discutir um tema dado, segundo as modalidades de poesia heróica, lírica e laudatória (ou encomiástica).

Neste campo, os acadêmicos trataram dos chamados “problemas”, que abriam espaço para o exercício da discussão com base dialética; das homenagens aos presidentes – culto encomiástico obrigatório em todas as conferências; do assunto heróico, cuja discussão subsidiou o caráter histórico, filosófico e religioso da agremiação; e do assunto lírico, que permitiu um exercício mais livre da poética, embora a formalidade sempre se fizesse presente. Essa produção contribuiu de maneira significativa para o entendimento da escrita no Brasil Colonial.

O movimento academicista brasileiro, atuante desde o século XVII até o início do século XIX, foi originado a partir da fundação de academias que objetivavam o exercício da história e da literatura nos principais centros do Brasil colônia; em Cuiabá, em Minas Gerais, em Pernambuco, no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia, sendo esta última sobrelevada por suas atividades e numerosos registros de existência.

Estas academias estiveram associadas a atividades literárias, históricas e algumas vezes científicas em meio a uma propagação mesmo que tardia das tendências inicialmente barrocas

culteranistas e de ideais provindos de estudiosos do movimento academicista português do século anterior. Como variadas formas de manifestação havia os versos e orações em dedicatórias e homenagens que encontravam motivos em nascimentos, óbitos, casamentos, mitologia e outras aclamações a pessoas ilustres como reis e príncipes, também em festejos públicos (que coligavam integrantes de academias de outras cidades), até santos e acontecimentos religiosos. Estes traços distinguiam-nas das academias portuguesas, que enfatizavam o estudo da história ou da literatura.

O estudo da produção de Antonio Gonçalves Pereira trará inicialmente a possibilidade de reconhecimento da mesma como parte importante da escrita de Língua Portuguesa. Trará também a inclusão de seus poemas e prosas em materiais de consulta para estudantes da mesma área de interesse ou áreas afins para ampliar as formas de abordagem de texto nas pesquisas de arte retórica e poética, além da contribuição com subsídios para o estudo da Literatura Brasileira.

Através da seleção dos textos, este trabalho será feito por leituras de fontes primárias e secundárias como manuscritos, cópias reprográficas e microfilmes dos textos em prosa e verso produzidos na ABE e na ABR. Resultando na fundamentação teórica sobre a Academia e seus trabalhos, sobre a filologia, retórica e poética, na transcrição dos textos e sua revisão e na resolução dos principais problemas encontrados na versão manuscrita das escrituras do autor.

Tendo sido competente no que se propôs, Antonio Gonçalves Pereira pôde responder às expectativas literárias a que o impuseram ambas as academias, foi homenageado por outros dez acadêmicos, demonstrando ainda através de suas orações acadêmico-filosóficas e das de seus contemporâneos, o surgimento no Brasil colonial, de uma composição cada vez com mais características brasileiras que portuguesas digna de estudo.

Referências Bibliográficas

- AUERBACH, E. **Introdução aos estudos literários**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- AZEVEDO, P. A. de; BAIÃO, A **O Arquivo da Torre do Tombo. Sua história, *corpus* que a compõem e sua organização**. 3.ed.Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo: Livros Horizonte, 1989.
- CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALMON, Pedro. **História da literatura Bahiana**. 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1949.
- CASTELLO, J. A **O Movimento academicista no Brasil – 1641-1820/22**. 1.ed. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Esportes e Turismo, 1969-1971, 5. v. 14 t.
- FIGUEIREDO, F. **História literária de Portugal Séculos XII a XX**. 1.ed. Coimbra: Nobel, 1944.
- KANTOR, Í. **Esquecidos e Renascidos: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759)**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- LAMEGO, A. **Academia Brasílica dos Renascidos: sua função e trabalho inéditos**. 1.ed. Paris: D'Art Gáudio, 1923.
- LIMA, Y. D. **Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos: Fontes e textos**. 1.ed. São Paulo: FFLCH – USP, 1980.
- MORAES, E. M. de. **A poesia latina de José da Cunha Cardoso na Academia Brasílica dos Esquecidos**. São José do Rio Preto: IBILCE – UNESP, 1992.
- SPINA, S. **Introdução à edótica**. 1.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- VARNHAGEN, F. A **História Geral do Brasil: Antes da sua separação e independência de Portugal**. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 4 t.

Bolsa: FAPESP